

A PEREGRINAÇÃO DE FERNÃO MENDES PINTO, VOL. II: OBSERVANDO A CONSTRUÇÃO DO ORIENTE E A RELIGIOSIDADE NO RELATO DE VIAGEM.

Aluno: Luiz Felipe Urbietta Rego
Orientadora: Flávia Maria S. Eyler

Introdução

A partir do segundo volume da Peregrinação, iremos observar como a trajetória de nosso autor/personagem nos permitirá perceber as particularidades estruturais do imperialismo português e sua articulação com a instituição religiosa católica. Novamente iremos observar as identidades que se constroem e/ou são projetadas em relação ao estrangeiro.

Fernão Mendes Pinto, neste momento de sua obra relata o que acredita ser a primeira passagem de um europeu (ele mesmo!) pelo Japão, e a profunda influência que os portugueses tiveram ao introduzir as primeiras armas de fogo no arquipélago. Além disso, seu envolvimento no movimento missionário ao lado de Francisco Xavier e seu relacionamento com a nobreza local, a ponto de um daimyô (senhor feudal) lhe escrever uma carta pedindo que retornasse ao Japão para missões diplomáticas, são pontos extremamente interessantes para trabalharmos a questão da veracidade/ficção presente nas literaturas de viagem.

A dimensão religiosa adquire aqui um papel central, não mais se limitando apenas a ladainha professada por Pinto toda vez que sofria alguma desventura ou naufragava. De fato, sua súbita entrada para a Companhia de Jesus, fato histórico comprovado, mas que não transparece em sua narrativa, indica uma via para estudos valiosos para se compreender as atitudes e comportamentos do homem comum do século XVI frente à religião.

Objetivos

Neste segundo momento de nossa pesquisa iremos dar continuidade na nossa análise de construção de identidades, agora corporificadas através de uma discussão aprofundada quanto à veracidade de eventos históricos apresentados na obra. Também discutiremos o papel da religiosidade, e da própria religião católica em meio ao contexto das Grandes Navegações como ponto nodal de relacionamento ocidental com diferentes povos.

Metodologia

Neste momento de nossa pesquisa iremos entrelaçar não só estudos do binômio história /literatura como iremos dialogar com discursos historiográficos mais recentes sobre a relação histórica entre Oriente e Ocidente. Neste sentido a teoria orientalista de Edward Said[1] contribui como um excelente articulador entre a estrutura organizacional do imperialismo e sua ideologia. Toda essa conceituação é embasada não só com referências presentes nos escritos de Pinto, como também estudos detalhados sobre a documentação de época a partir do livro “Portugal e Oriente: passado e presente” [2].

O livro como um todo é bastante útil por fornecer uma forte base de conteúdos e lembrando a ligação de outros autores contemporâneos de Fernão Mendes Pinto como João de Barros, Camões e Castanheda.

Eu até agora procurei evitá-los com o fim de destacar que o ponto que procuro defender está justamente no fato de que a escrita de Fernão Mendes Pinto nos fornece uma visão desprovida dos vícios e virtudes dos escritores eruditos, caracterizando-a como o ponto de vista de uma pessoa comum diante de uma situação fantástica. Uma comparação extremamente construtiva para essa obra será a da Peregrinação com os escritos de Hans Staden [3]. Dotados de uma grande proximidade cronológica (1548-1555), além de uma grande semelhança narrativa, os paralelos abertos entre essas obras podem nos levar a compreensão dos processos seletivos da Europa do séc. XVI, quanto a obras consideradas verídicas.

As constantes referências a esses autores encontradas durante minhas pesquisas me levaram a conclusão que é impossível não deixar de falar sobre eles, nem que seja para abrir uma breve via de comparação de estilos de escrita.

Entretanto, uma visão comparativa entre suas obras, permitirá tratar da questão da literatura de viagem e a trajetória do pensamento ocidental frente ao discurso dito ou considerado fictício. Conceitos como mimese, teatro mental e domesticação do imaginário frente ao superego europeu merecem ser mais bem estudados a fim de compreender melhor a trajetória da relação verdade/ficção no mundo ocidental. Para essa tarefa irei me alicerçar primariamente a obra de Gilberto Gadofre [4] e Luiz Costa Lima [5].

Eles colocam, efetivamente, o diálogo de diversos pensadores e suas opiniões a respeito dos temas tratados nos textos. Através disso, acabam por apresentar ao leitor uma série de teorias históricas e linhas de pensamento de uma forma bastante interessante e que incita a aprofundar-se nelas. É o caso da citação de um pequeno trecho da obra de Reinhardt Kosseleck: “a posição clássica da *res fictae, res factae* é uma provocação feita aos historiadores preocupados com a teoria e conscientes das hipóteses por ele postas.”(pg.107). Esse pequeno trecho remete-se a essência ideológica de minha pesquisa no sentido de que, a partir da análise da literatura de época promove-se um aprofundamento histórico e historiográfico. Essas obras marcam-se, portanto pelo fato de seus autores revelarem outros autores cujas teorias têm uma grande afinidade com o meu tema.

Conclusões

As literaturas de viagem, a questão do ficcional e sua validade histórica e historiográfica, e a visão do outro pelo viajante europeu do séc.XVI são tópicos que nos ajudam a compreender o processo de formação de identidades, não só estrangeiras, mas também nossa própria identidade como ocidentais. Voltamos ao passado longínquo porque acreditamos que ele possui uma importância para a definição de nosso presente.

Referências

1. SAID, Edward W. **Orientalismo** : o Oriente como invenção do Ocidente /. São Paulo : Companhia das Letras 1990.
2. UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa. **Portugal e Oriente: passado e presente**. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, 1996.
3. Staden, Hans. **Dois viagens ao Brasil / Hans Staden** ; tradução de Guiomar de Carvalho Franco . São Paulo : Itatiaia : EDUSP , 1974.
4. GADOFRE, Gilberto.. **Certezas e Incertezas da História**. Ed. Pensamento,1988
5. LIMA, Luiz Costa. **Sociedade e discurso ficcional** /. Rio de Janeiro : Ed. Guanabara, 1986.